

DA RELAÇÃO ENTRE INFRAESTRUTURA E SUPERESTRUTURA EM VALENTÍN VOLÓCHHINOV

Daniel Cardozo Severo

Faculdade Dehoniana / Universidade de Taubaté - UNITAU

Kauan Furtado Cunha

Faculdade Dehoniana

Resumo

Valentin Volóchinov (1895-1936), integrante do Círculo de Bakhtin, desenvolveu contribuições fundamentais para a filosofia da linguagem em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, apresentando os problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre infraestrutura e superestrutura no pensamento de Volóchinov, demonstrando como o autor realiza uma leitura genuinamente marxista, concreta e não-mecanicista dessa dinâmica. A base teórica fundamenta-se nas obras de Volóchinov, em diálogo com os conceitos marxistas e análises de comentadores como Zandwais (2009). A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica e redação textual. Os resultados demonstram que o signo se transforma em palco da luta de classes, adquirindo vida através dos embates sociais. Conclui-se que a filosofia da linguagem ocupa lugar privilegiado na investigação das relações entre infraestrutura e superestrutura, sendo o signo verbal o melhor caminho para compreender o processo dialético que se inicia nas mudanças da base material rumo às superestruturas.

Palavras-Chave: Valentin Volóchinov; Círculo de Bakhtin; Marxismo e Filosofia da Linguagem; Infraestrutura e superestrutura; Signo ideológico.

THE RELATIONSHIP BETWEEN INFRASTRUCTURE AND SUPERSTRUCTURE IN VALENTÍN VOLÓCHINOV

Abstract

Valentin Voloshinov (1895-1936), a member of the Bakhtin Circle, made fundamental contributions to the philosophy of language in his work *Marxism and the Philosophy of Language*, presenting the fundamental problems of the sociological method in the science of language. The objective of this work is to investigate the relationship between infrastructure and superstructure in Voloshinov's thought, demonstrating how the author performs a genuinely Marxist, concrete, and non-mechanistic reading of this dynamic. The theoretical basis is grounded in Voloshinov's works, in dialogue with Marxist

concepts and analyses by commentators such as Zandwais (2009). The methodology adopted consists of bibliographic research and textual writing. The results demonstrate that the sign becomes the stage for class struggle, acquiring life through social conflicts. It is concluded that the philosophy of language occupies a privileged place in the investigation of the relationships between infrastructure and superstructure, with the verbal sign being the best way to understand the dialectical process that begins with changes in the material base towards the superstructures.

Keywords: Valentin Voloshinov; Bakhtin Circle; Marxism and Philosophy of Language; Infrastructure and superstructure; Ideological sign.

LA RELACIÓN ENTRE INFRAESTRUCTURA Y SUPERESTRUCTURA EN VALENTÍN VOLÓCHINOV

Resumen

Valentín Voloshinov (1895-1936), miembro del Círculo de Bajtín, realizó contribuciones fundamentales a la filosofía del lenguaje en su obra *Marxismo y Filosofía del Lenguaje*, donde presenta los problemas fundamentales del método sociológico en la ciencia del lenguaje. El objetivo de este trabajo es investigar la relación entre infraestructura y superestructura en el pensamiento de Voloshinov, demostrando cómo el autor realiza una lectura genuinamente marxista, concreta y no mecanicista de esta dinámica. La base teórica se fundamenta en la obra de Voloshinov, en diálogo con conceptos y análisis marxistas de comentaristas como Zandwais (2009). La metodología adoptada consiste en investigación bibliográfica y redacción de textos. Los resultados demuestran que el signo se convierte en escenario de la lucha de clases, cobrando vida a través de los conflictos sociales. Se concluye que la filosofía del lenguaje ocupa un lugar privilegiado en la investigación de las relaciones entre infraestructura y superestructura, siendo el signo verbal la mejor manera de comprender el proceso dialéctico que se inicia con los cambios de la base material hacia las superestructuras.

Palabras clave: Valentín Voloshinov; Círculo de Bajtín; Marxismo y filosofía del lenguaje; Infraestructura y superestructura; Signo ideológico.

INTRODUÇÃO

A relação entre infraestrutura e superestrutura constitui um dos problemas centrais do materialismo histórico-dialético, já desde as formulações originais de Marx e Engels. No entanto, essa questão permaneceu, em diversos aspectos, insuficientemente desenvolvida no que concerne ao papel da linguagem nessa

dinâmica. É justamente nesse terreno que as contribuições de Valentin Volóchinov (1895-1936), integrante do Círculo de Bakhtin, revelam-se fundamentais para os estudos marxistas da linguagem.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, obra publicada originalmente em 1929, Volóchinov, já no segundo capítulo, empreende uma crítica sistemática às interpretações mecanicistas da relação entre base material e superestrutura, propondo uma compreensão genuinamente dialética em que a linguagem ocupa posição privilegiada. Para o autor russo, a linguagem não é mero reflexo passivo das determinações infraestruturais, tampouco uma superestrutura imune às transformações da base material. Ao contrário, ela constitui o próprio terreno em que as contradições sociais se materializam, circulam e se transformam através dos signos ideológicos.

O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre infraestrutura e superestrutura no pensamento de Valentin Volóchinov, demonstrando como o autor elabora uma leitura não-mecanicista dessa dinâmica ao colocar o signo ideológico no centro de sua análise. Pretendemos evidenciar como Volóchinov supera as interpretações causais simplistas que dominavam o marxismo de sua época, estabelecendo uma compreensão dialética em que a palavra, pela sua onipresença social, torna-se o indicador mais sensível das mudanças históricas e o próprio palco da luta de classes.

Para tanto, este artigo estrutura-se em dois momentos complementares. No primeiro, apresentamos a crítica de Volóchinov ao mecanicismo e sua proposta de uma concepção materialista da linguagem, explorando como o autor articula os conceitos de signo ideológico, consciência social e heteroglossia em contraposição às leituras reducionistas do marxismo. No segundo momento, aprofundamos a análise da relação específica entre infraestrutura e superestrutura tal como desenvolvida no segundo capítulo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, investigando os conceitos de psicologia social, horizonte social, tema e forma do signo, bem como o papel da luta de classes na determinação da refração ideológica.

A metodologia empregada consiste em pesquisa bibliográfica, privilegiando a leitura direta da obra de Volóchinov (2018), em diálogo crítico com comentadores contemporâneos, particularmente Ana Zandwais (2009), cuja interpretação oferece chaves importantes para a compreensão da originalidade do pensamento bakhtiniano. Buscamos, ao longo do trabalho, preservar a densidade conceitual característica do Círculo de Bakhtin, evitando simplificações que comprometeriam a apreensão

adequada de conceitos fundamentais como signo ideológico, refração, horizonte social e gêneros discursivos.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ALGUNS CONCEITOS

Conforme já acena o título da obra do autor russo, Zandwais (2009, p. 103) afirma que a novidade da pesquisa linguística de Volóchinov é a fronteira com as perspectivas materialistas. Assim, um dos conceitos-chave para compreender sua obra é a dinâmica entre infraestrutura e superestrutura, não só porque está presente na obra de N. Marr (Cf. TCHOUGOUNNIKOV, 2015, p. 1), mas também porque tal dinâmica é pivô de debate entre os marxistas. Para o Círculo, a dinâmica não é meramente um fenômeno isolado, mecânico, mas se dá no contexto ideológico, entendido aqui como a linguagem, em cujas ideologias circulam pelos discursos: “O estabelecimento da ligação entre a base e um fenômeno isolado, que foi retirado do contexto ideológico integral e unificado, não possui nenhum valor cognitivo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 104). Mais que não admitir uma relação mecanicista nessa dinâmica, o Círculo criticava seus contemporâneos que adotavam tal perspectiva.

Lendo Marx, Zandwais (2009, p. 104) entende que a dialética entre infra e superestrutura serve à investigação das forças produtivas da sociedade e suas contradições nas relações de produção na obra do alemão. Contradições estas que se manifestam na tentativa proletária de romper com as relações jurídicas na infraestrutura, rearranjando suas condições materiais e, assim, rearranjando também a superestrutura que emerge dessas condições. Não se trata de uma representação vertical: uma leitura mecanicista, tal qual aparece em Marr, por exemplo, poderia conceber a língua, considerada no “topo da pirâmide” das superestruturas, como que “imune” às mudanças infraestruturais, para conservar o caráter estável e homogêneo da língua e sustentar sua hipótese. Nas palavras de Volóchinov, isso contradiz “as próprias bases do materialismo dialético” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 103). É possível, pois, contrapor leituras mecanicistas e leituras concretas acerca da dinâmica marxista das relações entre super e infraestrutura.

Zandwais (2009, p. 105) mostra que, ao afirmar o interesse no modo como a realidade infraestrutural condiciona o signo, isto é, “como a existência real (a base) determina o signo, e como o signo reflete e refrata a existência em formação” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106), Volóchinov busca não só caracterizar a onipresença

social da palavra, mas sobretudo caracterizar o modo com que a palavra é apropriada, circula e significa por entre os sujeitos, desde as relações institucionais às relações mais informais do cotidiano, lendo o signo a partir do conceito de infraestrutura.

Nestas condições, podemos afirmar que Volóchinov faz uma leitura genuinamente marxista, concreta e não-mecanicista, a partir da ideia de que “a palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106). Para Zandwais (2009, p. 105), isso é mais que traduzir a clássica passagem de Marx e Engels, de que “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 2015, p. 94): significa colocar forças orgânicas no centro de sua investigação. Isso implica, por exemplo, na noção bakhtiniana de heteroglossia, a qual não considera as variações linguísticas como efeitos da consciência individual, mas como produto das relações de produção, que se concretizam em forma de discurso, enquanto gêneros de interação social.

É nesse sentido que a concepção de linguagem em que se alicerça Volóchinov para uma leitura materialista histórica e dialética, segundo Zandwais (2009, p. 106), aparece: a língua é universal enquanto forma, mas heterogênea em seu conteúdo. A língua é inscrita dialeticamente pelo autor, numa referência a um terreno universal, comum a todos, que é minado pela heteroglossia dos sujeitos, os quais se reconhecem nesse campo universal, não pela homogeneidade linguística, mas pelas diferentes esferas da produção, no cotidiano, na realidade social. A dialética da língua não é, pois, meramente formal, mas se comunica com a vida, é inscrita no campo da práxis, e assim ordenada histórica-simbolicamente no concreto. Enquanto corpo material de um corpo social, a língua constitui-se mais que uma estrutura, registrando o modo de inscrição dos sentidos em diferentes ordens históricas. Relacionando, pois, os signos e a história, Volóchinov descreve os modos desses signos serem impregnados de valores pela forma com que são determinados. As palavras se inscrevem num lugar comum e heterogêneo porque constituem a materialidade e a essência do ideológico, sustentadas pela forma e concretizadas como símbolo, constantemente se deslocando nas interações sociais cotidianas.

Na leitura de Zandwais (2009, p. 106), a linguagem é concebida como um corpo material permanentemente afetado pelo corpo social, mas não só: é ela também determinada pela superestrutura que rege o corpo social. Assim, a língua não pode ser

hegemônica, e suas normas sempre podem variar, seja segundo seu alcance social, seja pela própria recepção da infraestrutura. A objetividade da língua não se dá pela correspondência à norma, à abstração; mas pelos modos concretos de seu emprego, na flexibilidade das regras, na instabilidade do signo, enfim, na apropriação dos signos nas falas cotidianas dos sujeitos. Essa concepção de linguagem descarta, portanto, as compartimentações entre língua e sociedade, bem como compreensões subjetivistas, que atribuem o valor simbólico do signo na consciência individual: esse tipo de equívoco, para o autor, aparece como uma resposta positiva aos estudos fenomenológicos, em que a subjetividade e alguns pressupostos marxistas se encontram nos princípios desse método. Afinal, para uma concepção materialista, somente se capta o modo de apreensão de sentido pela consciência através da relação da subjetividade com a linguagem, isto é, de perceber a consciência individual como reflexa da consciência social.

Assim, conclui Zandwais (2009, p. 109), apenas a perspectiva materialista é capaz de elaborar essa noção de valor. O papel histórico da exterioridade linguística na determinação da condição ideológica do signo é fundamental. “O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa”. Por isso “as categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos”: “onde há signo há também ideologia” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 94). Se, pois, a forma linguística estrutura o signo ideológico como seu corpo material, o sentido do signo está na forma como o real é refletido por ele, enquanto é determinado como uma força produtiva, enraizada no vivido, estruturando, ao mesmo tempo, o que chamamos consciência (ZANDWAIS, 2009, p. 109).

Portanto, nos parece que o conceito de ideologia em Volóchinov é distinto daquele proposto na ‘Ideologia Alemã’, ainda que parta dele. Nosso autor estabelece um princípio dialético para explicar o signo, seu funcionamento e sua condição ideológica. Para Volóchinov (2018, p. 93), “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”.

Na leitura de Zandwais (2009, p. 110), a ordem do real é marcada pela incompletude: o princípio dialético que caracteriza a refração e o reflexo do real torna essa ordem do real suscetível a múltiplas leituras. Só assim é possível pensar as condições pelas quais os signos são ideologizados: como representações do real, são efeitos dos modos dos sujeitos apreenderem o vivido e o circunscreverem histórica e simbolicamente de diversas formas na linguagem. Desse modo, quando o signo refrata algo diferente do que reflete, são os sujeitos que apreendem a ordem do real desse modo específico, segundo suas condições de vida lhe permitem apreender. Isso explica como o signo, ao refletir, mas também refratar, silencia sempre para significar. Ora, aí encontra-se a perspectiva dialética da assimetria entre significado e significante. Nesse prisma, a desigualdade do real, fruto da divisão de classes e do modo de produção dos sujeitos, torna a apreensão dos sujeitos na relação com o signo também desigual.

Para Volóchinov, entende Zandwais (2009, p. 111), a consciência somente se torna consciência pelo conteúdo ideológico a ela impregnado – esse é outro aspecto relevante de uma leitura materialista histórica –, os valores apreendidos pela consciência não se explicam fora das relações de produção. Isso implica que, mesmo numa sociedade sem luta de classes, como queria o regime soviético, o modo de produção, ao vincular sujeitos a seus bens de produção, gera distintas formas de orientação dos sujeitos para a ordem do real, que é refletida e refratada por transformações desses modos de orientação.

Em Marx, contrapõe Zandwais (2009, p. 111), as relações de produção só assumem seus lugares à medida que as condições materiais de existência dessas relações são incorporadas no seio da sociedade. A consciência, porém, pode ser explicada objetivamente pela apreensão das contradições do vivido, pelos conflitos entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Assim, Volóchinov entende que os diferentes valores e funcionamentos que o signo assume em cada campo ideológico revelam a heterogeneidade dos sentidos segundo as formas de relação dos sujeitos com seus modos de produção. Consequentemente, a cadeia de criação e compreensão ideológica só ganha caráter orgânico se se compreende as formas de orientação dos sujeitos relacionadas às práticas sociais que caracterizam os aparelhos institucionais e as interações em que se inscrevem no cotidiano: “Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos que não podem ser aplicados a outros campos” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99).

Zandwais (2009, p. 112) ressalta ainda que as diferentes expressões sociais são orientadas por um centro organizador, que modela o conteúdo do interior da consciência pela exterioridade. Há sempre um horizonte social para estabelecer e criar o conteúdo ideológico dos grupos, segundo seus valores simbólicos cultivados nos meios sociais em que produzem. Para Volóchinov, entretanto, nenhuma criação ideológica pode existir fora da linguagem, e as formas de subjetivação dos sujeitos não se resumem pelo material semiótico pelo qual se exprimem, nem mesmo pela consciência individual, que afinal é reflexo da história. Nenhuma forma de expressão interindividual possui existência real fora da linguagem, pois todas se servem do mesmo material que é a palavra, a qual, porém, está em contínuo deslocamento por ser determinada tanto pelo lugar de que procede quanto pelos lugares a que se dirige no meio social. Assim, enquanto “ponte”, a palavra não pertence nem a um nem a outro; o território ideológico do signo é sempre de fronteira, pois seus valores são moldados pelas experiências sociais, do vivido.

Todo dizer dirigido socialmente detém determinações históricas e expressões ideológicas; as respostas dos sujeitos são respostas ao meio social, expressões ideológicas da apreensão do real pela consciência no horizonte histórico dos sujeitos. Distintas respostas a esse meio social apontam para a noção de que a consciência avalia os modos do meio social impor valores às forças orgânicas, alienando-as aos domínios do seu modo de produção ou organizando-as contra a alienação. Com base, pois, no diálogo das forças orgânicas dialeticamente relacionadas com as forças sociais, as ideologias se mantêm, no seio das sociedades organizadas, condicionando não só os conteúdos impostos a elas, mas também as formas de produção e circulação dos discursos.

Os diferentes modos de enunciação, os diferentes tipos de fala, portanto, não são fruto de escolhas individuais, mas respostas às necessidades sociais de um grupo, atravessado pelo uso cotidiano e suas circunstâncias. Para Volóchinov, as formas de criação linguística e ideológica podem se completar, mas não coincidem. Por isso, os atos de enunciação são situados por ele como realidade linguística, mas simultaneamente, realidade ideológica e social: essa é a base de uma Filosofia da Linguagem marxista. Feitas todas as necessárias contextualizações e introduções para a hercúlea tarefa de compreender o pensamento bakhtiniano, presente na obra de Valentín Volóchinov, podemos agora, no próximo capítulo, aprofundar algumas das noções já mencionadas no decorrer do trabalho, na tentativa de compreender a noção

de Linguagem de Volóchinov e as implicações de seus conceitos na investigação da linguagem e dos signos ideológicos.

2. SUPERESTRUTURAS E INFRAESTRUTURAS: RELAÇÕES LINGUÍSTICAS.

O segundo capítulo¹ de ‘Marxismo e Filosofia da Linguagem’ trata do problema da relação entre a base e as superestruturas. Como já mencionamos anteriormente, o problema da relação entre a infraestrutura, ou base material, e da superestrutura é fundamental para o marxismo em geral, e está também relacionado às questões da filosofia da linguagem em aspectos cruciais. Portanto, Volóchinov (2018, p. 103) entende que ambos os campos de estudo em muito ganhariam com uma interpretação ampla e aprofundada desses problemas: quando se pergunta de que forma a base determina a ideologia, o comum é ouvir uma explicação vaga; dada de modo correto, mas geral; dada de modo causal.

A categoria da causalidade mecânica – tal como é entendida pelos positivistas, que representam o pensamento científico natural, segundo Volóchinov – é uma tese equivocada e que fere os princípios do próprio materialismo dialético. Trata-se de um domínio bastante restrito e, mesmo nas ciências naturais, vem perdendo espaço conforme seus princípios são alargados pela dialética, ou seja, “a aplicação dessa categoria inerte é inadmissível no que diz respeito às questões básicas do materialismo histórico e de toda ciência das ideologias” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 104). Não se pode relacionar à base um fenômeno isolado, aquém do contexto ideológico integral e unificado, daí nada sai de conhecimento: qualquer campo ideológico é uma totalidade que reage completamente às alterações na base. Por isso, Volóchinov pretende definir as mudanças ideológicas a partir de seu correspondente contexto ideológico; a explicação deve conservar a diferença qualitativa dos campos em interação, observando as etapas adjacentes à mudança. Só assim, entende Volóchinov, o produto da análise será mais que uma correspondência externa de dois fenômenos distintos encontrados em planos diferentes, mas uma verdadeiro processo dialético, com início na base e fim nas superestruturas.

Para Volóchinov (2018, p. 105), se ignoramos a especificidade do material sóico, ou simplificamos o fenômeno ideológico ao aspecto racional do conteúdo,

¹ Um vídeo de Felipe Aragão pode nos servir também de introdução para nossa seção. Cf. ARAGÃO, 2022.

enquanto correlato à base; ou destacamos o aspecto externo e técnico do fenômeno ideológico, deduzido diretamente do nível técnico de produção, em ambos os casos, ignoramos a essência do fenômeno ideológico. Ainda que, seguindo o exemplo do autor, a noção de “homens supérfluos” tenha aparecido na literatura como correlato à falência da nobreza e sua estrutura econômica, tal aparição não é resultado de um processo mecânico da base material abalada; mais que isso, a correlação em si nada tem de valor cognitivo aquém do papel específico do “homem supérfluo” na estrutura literária do romance, cujo papel específico na vida social como um todo também influencia na compreensão do fenômeno. O “homem supérfluo” não surgiu do nada no romance – evidentemente – mas existe um longo caminho, repleto de uma série de esferas qualitativamente distintas, com singularidades e leis específicas, entre as mudanças econômicas e o seu surgimento. O romance foi reconstruído como um todo único e natural (Cf. PEREZ; BOENAVIDES, 2017), dotado de especificidades; toda sua composição, estilo e tudo mais foram reconstruídos; contudo, as mudanças na literatura como um todo também condicionam a reconstrução orgânica do romance.

Se é impossível admitir a causalidade mecânica como explicação para a determinação das superestruturas, como, pois, resolver o problema da correlação entre a base e as superestruturas? “A essência desse problema se reduz a como a existência real (a base) determina o signo, e como o signo reflete e refrata a existência em formação” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 105), o que pode ser extremamente complexo, e de difícil elaboração produtiva, mas que pode ser compreendido, em grande parte, no material da palavra. Como vimos anteriormente, a palavra é o fenômeno ideológico primeiro nos estudos das ciências das ideologias, suas particularidades tornam-na o material mais conveniente para orientarmos-nos nesse problema: não interessa aqui tanto a natureza sígnica da palavra, mas a sua participação em toda comunicação em geral; importa sua onipresença social.

A palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica

acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106)

Entendamos agora de que forma, para Volóchinov (2018), a psicologia social compreende a expressão sígnica, sua relação com os gêneros discursivos do cotidiano, e como ela pode contribuir nos estudos das formas e tipos de comunicação discursiva e do signo.

Para Volóchinov (2018, p. 106), a psicologia social, segundo desenvolvido primeiramente por Plekhánov, é uma etapa provisória entre o regime sociopolítico e a ideologia em sentido estrito (Cf. SILVEIRA, 1981, p. 20) – como a ciência ou a arte – ela se materializa no real como interação verbal (Cf. BOENAVIDES, 2015, p. 215). À parte desse processo da comunicação e interação verbal na realidade, a psicologia social se torna puramente metafísica, ou mesmo mítica: ela não existe num lugar interior, nas “almas dos indivíduos em interação”, numa “alma coletiva”, no “psiquismo coletivo interior”, no “espírito do povo”. Ao contrário, ela se dá totalmente na palavra, no gesto, no ato, no exterior; nela tudo é expresso, nada é interior; nela tudo se encontra na troca, no material, e, principalmente, no material da palavra. Todos os contatos verbais entre indivíduos – seja no trabalho, na vida política ou na criação ideológica – todas as formas de comunicação e meios de interação verbal, são determinados pelas relações produtivas, bem como pelo regime sociopolítico, que é também por elas condicionado; a comunicação discursiva, por sua vez, com todas as suas formas, tipos e condições, determinam as formas e os temas dos discursos verbais.

Volóchinov continua. A psicologia social seria, pois, o conjunto dos discursos verbais multiformes, que alcança todos os tipos e formas de criação ideológica estável – inclusive as mais cotidianas, das conversas dos bastidores, trocas de opiniões, conversas informais, à maneira verbal interna de ter consciência de si e de sua posição social – se realizando nos diferentes tipos de enunciados, em pequenos gêneros discursivos, tanto internos quanto externos, que se correlacionam também com outros tipos de manifestação e interação sígnica – como expressões faciais, gestos, atos convencionados, entre outros (SOUZA, 2003, p. 193). Tudo isso se relaciona às condições de uma realidade social concreta, reagindo a toda e qualquer mudança do meio social:

É justamente nas profundezas dessa psicologia social materializada na palavra que são acumuladas aquelas mudanças e alterações pouco

perceptíveis que depois encontram sua expressão em produtos ideológicos acabados. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106)

Nesse sentido, para Volóchinov (2018, p. 107), a psicologia social é útil do ponto de vista de seu conteúdo, os temas pertinentes a ela, mas principalmente para estudar as formas e tipos de comunicação discursiva em que esse conteúdo se materializa: o problema é que, até então, os estudiosos focavam na primeira utilidade, ressalta Souza (2003, p. 194). É preciso entender onde procurar as expressões materiais da psicologia social: conceitos como “psiquismo”, “consciência”, “mundo interior” não ajudam; e nem mesmo buscamos as fontes do conhecimento da psicologia social de uma época, ou entender o “espírito de uma época”. Trata-se das próprias formas desse “espírito” realizar-se concretamente, isto é, das formas da comunicação cotidiana, sónica, e sua tipologia é uma das tarefas mais atuais do marxismo.

Cada grupo social e cada época possui um repertório de formas discursivas da comunicação ideológica cotidiana próprios e específicos; e cada gênero discursivo cotidiano, seu conjunto de temas: existe uma unidade orgânica e contínua entre a forma de comunicação, a forma do enunciado e seu tema. Ora, classificar as formas dos enunciados depende da classificação das formas de comunicação discursiva, que são determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico (BOENAVIDES, 2015, p. 215). Ao analisar detalhadamente, é possível perceber a relevância do aspecto hierárquico nas interações discursivas e a influência da organização hierárquica da comunicação sobre as formas dos enunciados. “a etiqueta verbal, o tato discursivo, e as demais formas de adaptação do enunciado à organização hierárquica da sociedade possuem um significado importantíssimo no processo de elaboração dos principais gêneros cotidianos” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 109).

Todo signo surge, como vimos, da interação entre os indivíduos socialmente organizados; logo, as formas dos signos são condicionadas não só pela organização social dos indivíduos, mas também pelas condições sociais mais próximas da interação desses indivíduos: “a mudança dessas formas acarreta uma mudança do signo”. Por isso a ciência das ideologias deve acompanhar a vida social do signo verbal. Só assim, a inter-relação entre o signo e a existência ganha expressão concreta: “apenas nessa condição o processo da determinação causal do signo pela existência aparecerá como o processo da verdadeira transformação da existência em signo, da autêntica refração dialética da existência no signo”. Assim, Volóchinov estabelece três critérios metodológicos fundamentais:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110)

O horizonte social de uma época ou grupo social determina todo signo ideológico que se realiza no processo da comunicação social, até mesmo o signo verbal. Não se trata mais da forma do signo determinada pela interação social. Trata-se agora do “conteúdo do signo e a ênfase valorativa que acompanha todo conteúdo” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110).

Um número limitado e específico de objetos, em cada uma das etapas de desenvolvimento social, recebe uma ênfase valorativa ao se destacarem na sociedade. Apenas esse conjunto de objetos adquirirá forma sógnica, e se tornará objeto da comunicação sógnica. Mas o que os determina? Para que um objeto, qualquer que seja sua realidade, entre para o horizonte social de um grupo, provocando uma reação ideológica sógnica, ele precisa estar relacionado ao contexto socioeconômico fundamental daquele grupo. É preciso que ele toque de algum modo as bases da existência material daquele grupo. Nesse caso, o arbítrio individual não importa: quando o signo é criado, também o objeto precisa obter uma significação interindividual, para daí adquirir forma sógnica; “somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo das ideologias, tomar forma e nele consolidar-se” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 111). Assim, todas as ênfases ideológicas são sociais, mesmo que produzidas individualmente, e ao pretenderem o reconhecimento social, realizam-se no exterior, no material ideológico.

Chamamos, pois, tema² do signo essa realidade que se objetifica no signo; todo signo acabado tem seu tema. Portanto, todo discurso verbal tem também seu tema. Os temas ideológicos sempre adquirem ênfase social, que penetram também na consciência individual – que é totalmente ideológica – tornando-se como que ênfases individuais, devido à sua profunda união com o tema, que faz com que a consciência individual pareça pertencer à ênfase social, ainda que suas origens sejam distintas. Em

² Especificamente sobre o conceito de tema, de forma mais sistemática, Wiliam Boenavides o aborda em um artigo. Cf. BOENAVIDES, 2015.

si, porém, a ênfase social é interindividual: um grito de dor não tem ênfase, é puramente natural, não é voltado para um ambiente social, não há, pois, forma sígnica. O tema e a forma do signo ideológico estão indissociavelmente ligados, e só são distintos por abstração, pois são gerados ambos pelas mesmas forças e premissas materiais.

De fato, são as mesmas condições econômicas que inserem um novo elemento da realidade no horizonte social, tornando-o socialmente significativo e “interessante”; e estas mesmas forças criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa etc.), que, por sua vez, determinam as formas de expressão sígnica (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112).

Assim, os temas e as formas da criação ideológica, de origens coincidentes, seriam duas faces de um mesmo fenômeno: a determinação da base material nas superestruturas. O material da palavra é o que melhor revela esse processo de inserção da realidade na ideologia, que gera o tema e a forma: seja em larga escala, nas significações linguísticas primitivas, das quais os estudos paleontológicos revelam a inserção de partes da realidade indiferenciada no horizonte social dos homens primitivos; seja em escala menor, nos limites da modernidade, em que conhecemos a palavra como reflexo sensível às mudanças mais sutis da existência social.

Até agora temos que, no signo, ao observarmos o tema e a forma, a realidade é refletida; já dissemos, porém que o signo não só reflete, mas também refrata uma outra realidade. E o que determina essa refração é “o cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sígnica, isto é, a luta de classes”. A coletividade sígnica não é o mesmo que classe: a coletividade sígnica compreende um grupo social que se utiliza dos mesmos signos da comunicação ideológica. Ora, é possível que várias classes sociais distintas se utilizem de uma mesma língua, e assim pertençam a uma mesma coletividade sígnica. Consequentemente, diferentes ênfases multidirecionadas se cruzam em todo signo ideológico, ou seja, “o signo transforma-se no palco da luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 113). É justamente esse cruzamento que permite ao signo viver, se movimentar, se desenvolver. Sem essa disputa social acirrada, o signo se aparta da luta de classes, enfraquece-se, torna-se mera alegoria, degenera-se a objeto de análise filológica e se distancia dos estudos da sociedade e da interpretação social viva. A história está cheia de signos mortos, que já não podem ser palco de embates sociais, e só à medida que filólogos e historiadores se

lembram deles, é que seus resquícios de vida aparecem, preservando seus últimos sinais vitais.

Para Volóchinov (2018, p. 113), o que torna o signo vivo e mutável é o mesmo que o torna reflexo e refração da existência: “a classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como a apagar ou a ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual”. Todavia, qualquer signo ideológico tem duas faces; qualquer xingamento vivo pode virar elogio; qualquer verdade viva pode virar mentira: há uma dialética interna do signo que só aparece em épocas de crise social, de mudanças revolucionárias:

Em condições normais da vida social, essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 114).

O problema da determinação da base sobre as superestruturas, pudemos assim perceber, é muito mais do que uma simples relação causal. Elas se influenciam mútua e reciprocamente, e a base veicula a ideologia pelos signos, isto é, pelas superestruturas. É importante destacar, pois, o lugar da filosofia da linguagem na investigação desse problema: o signo verbal, o material da palavra, é o melhor caminho para compreender o caráter ininterrupto desse processo dialético que começa com as mudanças ocorridas na base material da sociedade rumo às superestruturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da relação entre infraestrutura e superestrutura no pensamento de Valentin Volóchinov, conforme desenvolvida ao longo deste trabalho, permite-nos reconhecer a originalidade e a atualidade das contribuições do Círculo de Bakhtin para uma filosofia marxista da linguagem. Retomando o objetivo inicialmente proposto, demonstramos como Volóchinov elabora uma compreensão genuinamente dialética da determinação da base material sobre as superestruturas, recusando tanto as

interpretações mecanicistas quanto as leituras idealistas que predominavam em seu contexto histórico.

O conceito de signo ideológico revela-se central nessa elaboração teórica. Ao caracterizar o signo como fenômeno material que reflete e refrata a realidade, Volóchinov estabelece uma perspectiva que supera a noção de ideologia como falsa consciência, tal como aparece de modo ainda pouco desenvolvido em Marx e Engels. Para o autor russo, todo signo é ideológico não porque mistifica ou oculta a realidade, mas porque a apreende desde um ponto de vista determinado pelas condições materiais de existência dos sujeitos. A refração não é, pois, distorção, mas efeito necessário da posição social dos sujeitos em relação aos modos de produção.

A palavra, pela sua onipresença social, constitui o material privilegiado para compreender o processo ininterrupto de determinação dialética que se inicia na base e alcança as superestruturas. Participando de toda interação social, desde as relações de trabalho até as formas mais íntimas da consciência individual, a palavra materializa as contradições sociais, torna-se sensível às menores mudanças na existência e se transforma em palco da luta de classes. A heteroglossia, longe de ser mera variação linguística, emerge como manifestação concreta das diferentes posições dos sujeitos nas relações de produção.

Os três critérios metodológicos estabelecidos por Volóchinov — não isolar a ideologia da realidade material do signo, não isolar o signo das formas concretas da comunicação social, não isolar a comunicação de sua base material — constituem princípios fundamentais para qualquer investigação materialista da linguagem. Esses critérios impedem que se recaia tanto no formalismo abstrato, que concebe a língua como sistema de normas desvinculado da práxis social, quanto no subjetivismo individualista, que atribui à consciência individual a origem dos valores simbólicos.

A análise da psicologia social como etapa provisória entre o regime sociopolítico e a ideologia em sentido estrito, materializando-se na interação verbal cotidiana, oferece importantes elementos para compreender a formação da consciência. Volóchinov demonstra que a consciência individual não preexiste à linguagem nem se constitui em algum espaço interior metafísico, mas se forma na exterioridade, pela apropriação dos signos socialmente determinados. A consciência é, pois, reflexo da história, moldada pelo horizonte social que estabelece os temas e as formas dos enunciados segundo os modos de produção e as relações de trabalho.

O conceito de horizonte social permite compreender como determinados objetos da realidade adquirem relevância ideológica em momentos históricos específicos, tornando-se tema dos discursos e ganhando forma sónica. Somente aquilo que toca as bases da existência material de um grupo pode entrar em seu horizonte social e adquirir valor ideológico. Assim, tema e forma do signo, aparentemente distintos, revelam-se duas faces do mesmo processo de determinação da base sobre as superestruturas.

A caracterização do signo como palco da luta de classes constitui uma das contribuições mais significativas de Volóchinov. O signo vive e se transforma justamente porque diferentes classes sociais, utilizando-se da mesma língua, imprimem nele ênfases valorativas multidirecionadas e contraditórias. A classe dominante tende a apagar essa contradição, tornando o signo monoacentual e eterno, mas em épocas de crise social e transformações revolucionárias, a dialética interna do signo se revela plenamente. Todo xingamento pode virar elogio, toda verdade pode virar mentira — eis a mobilidade constitutiva do signo ideológico.

Cabe ressaltar, também, a atualidade da crítica de Volóchinov ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista. No contexto contemporâneo, em que teorias formalistas da gramática gerativa coexistem com perspectivas cognitivistas centradas na mente individual, a filosofia da linguagem de Volóchinov mantém sua pertinência crítica. Contra o formalismo, afirma a historicidade constitutiva da língua e sua inseparabilidade das práxis sociais; contra o cognitivismo, demonstra que a consciência não é origem dos significados, mas efeito da apropriação de signos socialmente determinados.

Alguns limites e desdobramentos possíveis desta pesquisa merecem menção. Embora tenhamos nos concentrado na relação entre infraestrutura e superestrutura, outros aspectos da obra de Volóchinov — como a teoria dos gêneros discursivos, a noção de dialogismo, a crítica à linguística de Saussure — demandam aprofundamento em estudos futuros. Ademais, seria produtivo investigar as aproximações e distanciamentos entre Volóchinov e outros marxistas que se ocuparam da linguagem, como Gramsci, bem como examinar as influências de Lênin e Plekhánov no desenvolvimento de suas teses.

Por fim, reconhecemos que a compreensão plena do pensamento bakhtiniano exige o enfrentamento de sua complexidade conceitual e de seu estilo denso, que não se entrega a leituras apressadas. A hercúlea tarefa de apreender a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, presente na obra de Valentín Volóchinov, permanece

como desafio permanente para todos aqueles que buscam uma compreensão materialista histórica dos fenômenos linguísticos e ideológicos.

Em tempos de acirramento das contradições sociais e de proliferação de discursos que naturalizam a desigualdade, retornar a Volóchinov significa recuperar instrumentos teóricos para desvelar como os signos refletem e refratam a realidade segundo interesses de classe, como a linguagem participa da manutenção ou da transformação das relações de dominação, e como a consciência se forma não em algum espaço interior metafísico, mas na exterioridade das práticas sociais concretas. A filosofia marxista da linguagem, longe de constituir mero exercício acadêmico, revela-se assim como contribuição fundamental para a compreensão crítica da realidade social e, conseqüentemente, para sua transformação.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Felipe. **Marxismo e filosofia da linguagem: aula 3 – capítulo 2**. 2022. Vídeo (16 min 58 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tLRbvOConHs&list=PLFFO8Lxl7O3hst4xbASv8bmK33rQXCHO7&index=4>>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BOENAVIDES, William Moreno. Sobre o conceito de “Tema” em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. **Organon**. Porto Alegre, n. 59, p. 211–224, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/56812>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015; Universitária, 2015.

PEREZ, Marcelo Spalding; BOENAVIDES, William Moreno. Os limites para a revisão do texto literário a partir dos conceitos de autoria e estilo de Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 12, p. 113–130, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/FtzTJcDyxDr6vDp86GNNpvv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. A produção social da linguagem: uma leitura do texto de Mikhail Bakhtin (V. N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem. Trans/Form/Ação**. São Paulo, v. 4, p. 15–39, 1981. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/3Sshdj4ZWHCxCp7g7xFQYvK/?lang=pt>>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SOUZA, Geraldo Tadeu. Gêneros discursivos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. **The ESPECIALIST**. São Paulo, v. 24, p. 185–202, 2003. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?start=20&q=introdu%C3%A7%C3%A3o+filosofia+a+da+linguagem&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 27 mar. 2023.

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. O dialogismo e a paleontologia da linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética. **Revista Conexão Letras**. Rio Grande do Sul, v. 1, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2594-8962.55657>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

VIANNA, Rodolfo. Marxismo e filosofia da linguagem à luz d'A ideologia alemã. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. São Paulo, v. 3, p. 29–41, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3368>>. Acesso em: 1 mar. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

Daniel Cardozo SEVERO

Possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2018). Atualmente é pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professor de filosofia da Faculdade Dehoniana e professor titular - auxiliar de psicanálise da Universidade de Taubaté. Tem experiência na área de Filosofia e Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia da psicanálise, psicanálise, psicanálise e filosofia. É autor de vários artigos e três livros, sendo o último "Os Sujeitos do Homem Psicanalítico" (Ed. CRV, 2020). Membro Permanente do GT Filosofia e Psicanálise da Anpof desde 2019.

Kauan Furtado CUNHA

Possui Graduação em Filosofia pela Faculdade Dehoniana (Taubaté – SP). Formado com honras em 2024, publicou sua monografia na área de Filosofia da Linguagem, intitulada "*Marxismo e Filosofia da Linguagem: a palavra como palco da luta de classes em Volóchinov (Círculo De Bakhtin)*". Atualmente cursa bacharelado em Teologia na mesma instituição.

REVISOR DE LINGUAGEM

Prof. Me. Marcelo Henrique de Souza

marcelo.souza@dehoniana.online

Recebido em: 31. jan.2026

Aprovado em: 07.fev.2026